

O LAZER NO MUNDO OPERÁRIO

Sua "representação" na sociologia brasileira

Lilian do Valle

Qual o papel representado hoje pelo lazer na vida social brasileira, ou qual o sentido das práticas populares de lazer no Brasil?

A resposta pode talvez ser encontrada em muitos trabalhos que, procurando descrever e interpretar a sociedade brasileira em seu conjunto ou ainda tentando investigar mais precisamente problemas ligados à vida das classes populares e suas condições de existência, foram levados a se debruçar sobre o estudo dos divertimentos, das celebrações e dos costumes populares, produzindo dados e desenvolvendo teorias a respeito. Entretanto, as diferenças de pontos de vista teóricos, a distância entre concepções de mundo, do homem e da sociedade que fundamentam estes trabalhos, as condições de observação e de tratamento dos dados extremamente diversos justificam, como é de se prever, profundas divergências de interpretação e de análise. É preciso também aqui considerar a distância, no tempo, a separar estas diferentes perspectivas, e também os interesses que orientam os objetivos de cada um dos autores.

Freqüentemente, a sociologia tradicional, munida de conceitos abstratos de "sociedade" e "cultura", não foi capaz de fornecer elementos necessários à compreensão dos valores e hábitos ligados à realidade de uma maioria da população. A análise academicista — abstrata e teórica — sem exigências de relação à prática social e ao concreto da vida, encontrou muitas dificuldades em tratar de assuntos tão fortemente ligados ao cotidiano, à vida das pessoas simples, tais como as atividades lúdicas, as festas, as ocupações às quais se entregavam para além da atividade produtiva. Durante muito tempo, a cultura foi entendida como uma atividade quase exclusivamente acadêmica — de círculos intelectuais fechados em si mesmos. Evidentemente, a história assim construída não é senão a história dos fatos e das idéias pró-

prios a uma certa elite. A sociologia, envolvida com definições muito generalizantes, filosóficas e psicologizantes, construía sem tréguas grandes "quadros" teóricos que buscavam sintetizar a realidade social através de conceitos tais como o do "temperamento do homem brasileiro", o "caráter nacional", etc. Neste contexto, o lazer não tinha nenhuma possibilidade de ser concebido como um aspecto importante na vida cultural do país. Se ele interessava aos trabalhos de antropologia e de folclore, a ausência de elementos ligados à vida quotidiana o transformava em algo de rígido, que não conseguia ultrapassar a superficialidade dos discursos situados por demais a exterior dos fatos. Uma característica comum a muitos trabalhos de uma certa época é a exaltação de valores e experiências de uma certa elite da qual os autores fazem, naturalmente, parte. Extremamente próximos do senso comum, os pontos de vista defendidos tendem a preservar um certo passado e uma certa tradição. O desejo de fazer memória deste passado e desta tradição não substituem, certamente, uma crítica mais consistente da realidade, mas deixam, entretanto, trabalhos que mereceriam atenção em vista de um exame das raízes históricas do fenômeno atual do lazer e da maneira como ele vem sendo tratado. Isto posto, me pareceria quase desnecessário precisar que, a meu ver, o recurso — necessário — às origens da sociologia brasileira e sua produção exige uma abordagem crítica, que entenda e dê conta da evolução e do desenvolvimento da disciplina nestes últimos anos. Me pareceria desnecessário, não fora a existência de trabalhos voltados para a questão do lazer que parecem desconhecer as rupturas realizadas por este desenvolvimento, e que parecem querer simplesmente "prolongar" as velhas teorias, do ponto onde elas foram deixadas há algumas décadas.

Um outro tipo de trabalhos caracteriza-se por uma concepção altamente elitista da "cultura" que eles pretendem estudar. Para um exame das raízes populares do lazer, estes trabalhos apresentam pouca, ou nenhuma utilidade. Normalmente, nenhum interesse maior é dado nem mesmo às "expressões populares", e seu universo não é maior do que o das elites dominantes: quando ocasionalmente, os limites deste universo são ultrapassados, é em vista de um "esforço pedagógico" de "elevação" do nível da cultura popular, segundo o modelo dominante de cultura do qual eles são os maiores defensores. Poder-se-ia citar, a título de exemplo, uma obra curiosamente chamada "Lazer e Cultura", de J. C. de Oliveira Torres. O autor, confuso, é forçado a confessar a "péssima qualidade artística e literária dos gêneros populares" mas exalta, na "socialização do lazer" (sic) o fato de que as populações entrem em contato com os "altos valores e recebam doses

maciças do sopro de genialidade" que, evidentemente, vêm da cultura que é "obra de homens que não se preocupam com o pão quotidiano". A possibilidade de fazer popularizar as músicas clássicas, "mesmo se as pessoas não sabem o que escutam" está em proporção direta com o entusiasmo do autor face aos meios modernos de comunicação e de difusão culturais. Entretanto, a meu ver, o que caracteriza o elitismo deste tipo de posição não é tanto esta espécie de otimismo delirante face aos meios de comunicação de massas, e à identificação fácil da cultura popular ao que passou a se chamar "indústria cultural", como se poderia supor; para mim, e é esta a razão desta referência (que de outra forma não seria senão a de dar um colorido "folclórico" a esse artigo) o que caracteriza o elitismo desta posição é o fato de que ela defende um "ideal" de cultura, um "modelo ideal" de cultura que não existe senão na cabeça do autor. Assim, vê-se que a crítica que se pode fazer a tal posição é mais do que uma simples questão "folclórica", ela ganha um peso em relação à própria realidade atual. Muito infelizmente, os "modelos ideais" de cultura e conseqüentemente de lazer não cessaram de ser construídos, justificados pelas mais diferentes posições teóricas e ideológicas, e não cessam de procurar adaptar a realidade aos projetos abstratos que elas defendem. Na maioria das vezes, pode-se identificar como ponto comum a estas teorias tão radicalmente diferentes, o fato de que a visão sobre a cultura popular é sempre uma visão fundamentalmente pessimista, radical; a verdadeira cultura e, portanto, o verdadeiro objeto de estudo não se situa no real a ser explicado, mas num futuro longínquo a ser perseguido. Conseqüentemente, todo o arsenal metodológico e teórico é desenvolvido no sentido de mostrar, de entender o que a cultura popular e o lazer *não são*, mas finalmente, pouco se aprende de novo sobre e o que eles são. Assim, sabe-se que o lazer é "alienante", é instrumento de reprodução ideológica, é "pobre" (sic), etc.: quer dizer, em comparação a um ideal do que ele "deveria ser" ou, para os mais otimistas, do que ele "deverá ser", ele não é isto, ou é aquilo. Alienante, massificante, passivo e pobre, quer dizer: não corresponde em última análise aos ideais de "engajamento", de participação, "de cultura" que se possa ter. Alienante, massificante, passivo e pobre. E isto parece bastar. Pode-se então perguntar por que espécie de salto maravilhoso a realidade deverá passar para, saindo de um hoje onde não se sabe apontar perspectivas, chegar milagrosamente a um amanhã que todos conhecem e elegeram. Mas me parece que o fundamental é ainda perguntar como se pretende realmente valorizar o que é "autenticamente" popular se não se procura fugir aos ideais que acabam por implodir toda possibilidade de se chegar a uma visão realmente dialética da realidade.

Outras análises, mais recentemente, abandonaram as grandes descrições e as grandes sínteses, e preferiram tratar de temas mais precisos, aprofundando especialmente as reflexões sobre a vida e os problemas mais diretamente ligados à realidade popular. As transformações rápidas pelas quais passou a sociedade introduziram, por outro lado, a necessidade de questionar mais profundamente a maneira mesmo como esta sociedade se estruturava, as transformações realizadas e em vias de se realizar, e a organização e constituição da realidade social. Enfim, tornava-se indispensável passar a uma maneira de pensar mais crítica e mais engajada.

A vida quotidiana das massas — os hábitos, os valores, os comportamentos, as condições concretas de vida — pouco a pouco tomam importância e passam a constituir preocupações essenciais dos que estudam o trabalho industrial, as migrações, os problemas de comunicações nos centros urbanos, a urbanização, etc. O lazer foi estudado em suas relações com a cultura rural, a participação popular nos grandes centros urbanos, com a “mass-media” com a industrialização, etc.

Embora o lazer não constitua o tema central de nenhum destes trabalhos, pode-se dizer que a referência aos hábitos de lazer populares passou a ser uma constante para os que tentavam analisar a cultura popular, o trabalho industrial, a participação dos indivíduos à sociedade, etc. É sobretudo a literatura estrangeira que vem oferecer o instrumental teórico para a crítica à alienação, à massificação, à utilização econômica e ideológica do lazer; sem negar a importância de todas estas abordagens não só para o conhecimento da realidade social como um todo, mas para o próprio estudo do lazer, me cabe entretanto parecer que elas absolutamente não esgotam toda a realidade atual do fenômeno, ou antes, tomadas como um absoluto, acabam por desfigurá-la inteiramente, nos dando dela uma imagem reduzida e falsa. Ocorre, que, sendo uma realidade altamente contraditória, o lazer aparece como uma crítica espontânea destas teorias que, reduzindo-o a um dos seus aspectos, acabam, o que é mais grave, por inflingir uma limitação — voluntária ou involuntariamente — ao homem que elas pretendem conhecer, compreender, explicar para “melhor servir”. O estudo da maneira como o lazer é hoje representado pelas ciências sociais no Brasil me parece mostrar que se se acredita na existência de “brechas” na rede de constituições e perpetuações da dominação social, esta crença fundamenta-se não em um suporte teórico-metodológico, como seria de esperar: estes, ausentes durante todo o desenrolar dos trabalhos, vêm-se encravar, isto sim, nas conclusões, mas oniricamente, como dizia M. Clavel... Pareceu-me então oportu-

no analisar as representações do lazer produzidas pelas ciências sociais atualmente. Para isto, escolhi trabalhos realizados, com uma só exceção, entre 78 e 82 que partissem de diferentes abordagens, como o estudo da família, dos ritos, do trabalho operário, da participação operária, da cultura popular. Se, como supus no início de minha análise, as representações de lazer contraditórias e deformadas, indicam que o interesse pelo lazer vem sempre acompanhado de sua "utilização", de sua manipulação buscando "provar" o que se deseja, no fundo, é o próprio homem a quem a ciência se dirige que é manipulado, também pela ciência. Servindo de mero pretexto para justificação de crenças e de teses, a realidade do lazer esconde, a um nível de leitura imediata, a verdadeira riqueza, a verdadeira configuração da cultura popular e da vida dos "homens simples"; e a um nível secundário, revela a dificuldade das ciências sociais em fugir de um certo "autoritarismo", do desejo de dominação que no intelectual corresponde à pretensão de tudo saber e tudo explicar, e fazê-lo a partir de *seu* sistema de valores, desenvolvendo, assim, no mínimo, uma visão deformada e "pessimista" da realidade que se continua a desconhecer.

1. PESQUISAS SOBRE O LAZER

Em 1978, pesquisando a questão da participação na cidade de São Paulo, F.H. Cardoso conclui por uma "disposição para a fruição da vida" que, embora encontrando oposição contínua nas condições concretas de vida, caracteriza a população estudada. Ele vai mais além, e sugere um "novo tipo de participação" ressaltando, cuidadosamente, que face aos "ideais de participação cívicos" tradicionais, este novo tipo de participação estaria condenado a ser encarado de maneira pessimista. Outras pesquisas estudando a mesma questão, coincidem em alguns pontos: face aos baixos índices de participação em associações de todo gênero, é a participação em associações de cunho recreativo que sobressai. De maneira mais ou menos geral, passa-se a procurar, neste tipo de pesquisas, não somente as práticas concretas, mas também as reivindicações e as aspirações dos indivíduos face ao lazer. Isto não deixa de ser interessante, já que é exatamente neste espaço, do conflito entre as necessidades tais como são sentidas pela população e a realidade concreta que se situam não só os problemas, mas também as soluções que vem sendo encontradas, espontaneamente. Mas, curiosamente, o interesse pelas reivindicações populares liga-se mais à necessidade de representação de uma "consciência" popular que à procura deste movimento contraditório a espantar as

nossas teorias bem arrumadas, que parte da iniciativa bem concreta das populações.

Além do mais, o que se sabe sobre o lazer popular hoje, através deste tipo de pesquisas refere-se muito mais a aspectos institucionais do que a manifestações espontâneas e informais. Não é segredo para ninguém que o trabalhador brasileiro não frequenta o cinema, senão raramente, não tem hábito de teatro e, sobretudo, não chega a encarar a visita a museus como uma alternativa de lazer. Entretanto, a cada nova pesquisa, somos obrigados a conferir a questão. Da mesma maneira, parece claro que a televisão e o rádio marcam profundamente os hábitos dos brasileiros, e que os jornais e revistas e livros não chegam a se constituir hábitos. Mas volta-se a questão a cada pesquisa. O que isto significa? O que parece é que isto exprime uma dificuldade em se passar da dimensão institucional a compreensão do fenômeno espontâneo, móvel, informal: o lazer dos terrenos baldios (ou de "várzea"), da sinuca, das rodas de samba, dos grupos informais disto ou daquilo, enfim, o lazer invisível à distância...

Outro exemplo típico deste tipo de visão encontra-se na análise das "categorias" empregadas tão freqüentemente: soube-se assim que o trabalhador em seus momentos de folga "não faz nada" "perambula por aí", "fica por aí". O que deveria, ao que parece, bastar pois geralmente não se procuram maiores precisões, mas isto somado a informações limitadas às práticas institucionais, fica-se com a impressão de que muito da realidade do lazer resiste ainda à observação científica.

Mas o que é finalmente o fenômeno do lazer para as ciências sociais atualmente?

2. O LAZER E O RITUAL

Em 1979 Roberdo Da Matta publica um trabalho que, se não se refere exclusivamente ao lazer, nem a todas as suas expressões, consagra um grande espaço ao Carnaval: "Carnavais, Heróis e Malandros (1)". O Carnaval é aqui estudado como um ritual, embora não se deva procurar aí nenhuma especificidade desta forma de lazer sobre as outras, já que, como o próprio autor diz, "tudo é ritual", já que tudo pode ser ritualizado (sic). Entretanto, a análise deste trabalho explica-se por se situar numa perspectiva já tradicional na sociologia brasileira,

que é aquela da "Sociologia dos Rituais", se é que se pode chamar assim. Se hoje em dia é menos corrente, ela já foi dominante nas ciências sociais no Brasil. Da Matta de certa forma ressuscita tal perspectiva, e o interesse em sua análise ainda é maior se considera-se a repercussão que ele alcançou e alcança, dentro e sobretudo fora dos meios acadêmicos.

Para Da Matta, o cotidiano é essencialmente vivido como algo negativo, dominado por uma moral social rígida, marcado pelo controle dos grupos primários sobre a vida do indivíduo, pelas hierarquias sociais. Face a este cotidiano, o Carnaval se apresentaria como uma "visão alternativa que a sociedade tem dela mesma", sendo uma crítica, pelo divertimento e pela licença, desta sociedade, suas normas, suas leis.

Mas como se elabora concretamente esta "crítica", esta "visão alternativa", cabe aqui perguntar. A palavra-chave é "ruptura". Para Da Matta, o Carnaval é essencialmente um momento de ruptura com tudo o que faz do cotidiano algo de negativo: a moral rígida, o controle familiar, as regras de comportamento, as hierarquias sociais. O Carnaval promove assim um mundo "mágico", de total liberdade, onde tudo o que é marginalizado e inferior torna-se dominante, segundo formulação tão cara ao autor: o samba que desce o morro, as "escolas", os destaques, eis o "inferior" que assume, no Carnaval, o papel principal, o controle da festa. Da mesma forma, os indivíduos, "liberados dos laços de sangue, de compadrio e de amizade" se encontram liberados de todos os interditos cotidianos: a mulher libera-se do jugo exercido pelos ideais femininos correntes, e pode-se permitir atitudes que rompem com a imagem da mulher "santa", da "mãe". Os valores de moderação e comedimento dão lugar ao exibicionismo e ao exagero. A competição e performance individuais dominam aí (sic) expulsas que estão, no resto do ano, da vida social que, altamente estratificada, não permite ascensões sociais, mas reproduz as situações de nascimento. Enfim, o Carnaval consagra espaços e tempos próprios, e o autor esmera-se em definir a radical mudança operada pelo Carnaval nos espaços e no tempo sociais.

Na verdade, uma rápida vista de olhos pelos trabalhos tradicionais da sociologia brasileira nos permitirá identificar os fios que, reunidos por Da Matta, tramam a sua visão da sociedade. Nada de novo, nada de original, mas a questão do controle social através dos grupos primários, levando a uma sociedade altamente hierarquizada, meio hipócrita na maneira de viver seus rígidos valores, a questão do patriarca-

do repousando sobre uma moral machista e repressora para a mulher e para as classes inferiores, a própria idéia do Carnaval como crítica à sociedade pela catarse, pela licença, tudo isto já foi assunto novo e atual, na época de Gilberto Freyre. Desde então, com o recuo tomado pelo desenvolvimento da própria sociologia, pode-se compreender o quanto a visão de Freyre situava-se de um ponto de vista das classes dominantes na sociedade que estudava. Se o universo de Freyre eram a casa-grande e a senzala, o autor, em observador, escolheu o ponto de vista da casa-grande, de onde a senzala não era percebida senão pela janela: ela é um elemento importante, mas também acessório. Sua importância é sempre relativa, ela não tem nem vida própria nem interesse específico: ela vive à sombra da casa-grande, onde se busca a chave de sua interpretação.

Na verdade, o tipo de discurso de Freyre, sua visão de mundo e os objetivos que se dá, levam ao esboço de uma enorme caricatura da sociedade. Seus argumentos, que na época tinham como maior mérito o da originalidade, se encontram hoje, no mínimo, muito envelhecidos. Seu discurso, amplamente criticado, é hoje indefensável.

Para Da Matta, o Carnaval tem uma significação "eterna", quer dizer, a-histórica. Compreende-se bem porque ele vai buscar a "visão alternativa" elaborada pela sociedade não em seu cotidiano, na prática do dia-a-dia, mas em um momento isolado, que rompe "magicamente" com este cotidiano. O Carnaval de Da Matta é o mundo da fantasia, do impossível, do implausível que é reconhecido, institucionalizado. Entretanto, a resistência que se pode identificar hoje no lazer é exatamente a de tornar plausível, no cotidiano, o que não é reconhecido nem aceito. O Carnaval de Da Matta é aquele em que "a regra é não ter regras"; não é exatamente uma questão de oposição de valores, ou de produção de valores de oposição, mas da suspensão temporária de valores que retornam, inexoravelmente, ao fim do tempo determinado pelo toque da varinha de condão. A relação entre Carnaval e outras formas de lazer espontâneas, que garantiriam exatamente a ligação da "mágica" dos três dias com o real cotidiano, não interessa. A visão alternativa de Da Matta não é uma resistência, porque ela não é real: ela é fantasiada, ela é fantasiosa, e sobretudo ela parece tocar problemas e conflitos que não podem ser generalizados a toda a população do Rio de Janeiro e suas zonas de influência, e muito menos do Brasil. Ela é o exame, em suma, de uma determinada classe média carioca; pois o verdadeiro conflito social a pesar sobre o lazer, o divertimento, a festa dos trabalhadores, — maioria da população — não é um conflito meramente moral. Ele é o conflito provocado pela invasão do trabalho na vida do indivíduo, pelas condições

materiais que ele determina; provocado pelo controle comercial e ideológico tendendo a se exercer sobre o lazer; provocado enfim pelas condições concretas de vida, pela luta diária pela sobrevivência, tendendo a transformar o quotidiano num lugar onde o lazer não tem vez. E é somente através do estudo de todos estes obstáculos e tantos outros, a pesar hoje sobre o lazer operário, é que se pode compreender o sentido que lhe pode por vezes assumir, sentido de resistência concreta e real, histórica e muito plausível, sim, que atravessa o quotidiano, que vive nele e dele.

3. O LAZER E A FAMÍLIA

Um outro trabalho recente tratado do problema do lazer dos trabalhadores urbanos é o de Carmen Cinira Macedo, "A reprodução da Desigualdade". O seu tema central é a família, e mais particularmente, a família operária (2). A Sociologia da Família como a "Sociologia dos Rituais", um elemento importante na tradição sociológica brasileira. Entretanto, Macedo apresenta uma perspectiva nova, renovadora, no estudo já tradicional da Família. Aqui não se trata de prolongamento acrítico do passado, e é talvez isto que torne a análise da representação de lazer desenvolvida importante. Para o autor a família é mais do que simples unidade de reprodução da força de trabalho e de divisão do trabalho. Ela é também unidade de consumo de valores não-produtivos (como serviços, sociabilidade, prazer) e de organização do projeto de consumo, definindo as necessidades e organizando sua realização.

A família é o "ponto nuclear" para a "ordenação da experiência quotidiana". Ela serve também de mediação entre a produção e o consumo, pois é no interior do grupo familiar que o operário projeta e organiza a venda individual de sua força de trabalho, e que se estabelecem as orientações fundamentais do processo de consumo, concebido e projetado em termos familiares. Mas, mais do que isto, a família é considerada como o fundamento concreto das representações e da consciência operárias. É no seio da família que o operário pode desenvolver a consciência crítica de sua situação de classes.

Assim, as associações profissionais e de classe sendo fortemente desencorajadas pela política dominante, e levando os operários à desilusão, é para Macedo na família que a situação operária é hoje concretamente vivida. E como o trabalhador não entrevê, na situação atual, condições propícias a uma ação coletiva, os seus esforços de supera-

ção das limitações próprias à condição operária se dirigem para projetos particulares, no seio da família.

Dentro desta perspectiva, o lazer torna-se o lugar de formação, de fortalecimento e de preservação do grupo familiar, já que é o lugar de reunião do grupo doméstico em torno de uma atividade comum. O cotidiano da família operária é dividido em momentos de realização de atividades ligadas ao trabalho (sendo momentos de dispersão familiar) e momentos de reunião e sociabilidade, que são os de lazer.

Durante a semana, o tempo livre é limitado pelas diferentes atividades de trabalho e pela necessidade de repouso. Os fins de semana são momentos que oferecem maiores possibilidades para as práticas de lazer.

A vida familiar se estrutura então basicamente em torno de duas atividades: as refeições e os lazes. Entretanto, no contexto urbano-industrial, a instabilidade de horários, as exigências do trabalho industrial tendem a reduzir cada vez mais os hábitos de refeições familiares. Assim, é quase exclusivamente em torno de atividades de lazer de fim de semana que a vida familiar operária vai-se estruturar.

Para a autora, entretanto, a prática de lazer dos operários é "pobre, e em muitos casos, inexistente": não se sai muito e, na maioria das vezes, não trabalhar significa não fazer nada: "comer, dormir, olhar a televisão", diz um dos entrevistados.

A grande alternativa de lazer é a televisão, e a visita a amigos e parentes, "sobretudo a estes últimos". O rádio é uma alternativa possível. São sobretudo os obstáculos econômicos que limitam a prática de lazer operário. Paralelamente, o trabalho de Macedo coloca em evidência o alto nível de aspirações quanto ao lazer, testemunhando a importância desta realidade na vida dos trabalhadores, que se exprime pela afirmação do desejo de passear. Passear significa ir à praia, conhecer novos lugares e pessoas novas, ir ao restaurante e ao cinema, fazer excursões em lugares públicos, parques, etc. Estas aspirações são sempre frustradas pela falta de dinheiro, ou pela necessidade de se reservar dinheiro para despesas mais úteis ou para a poupança para o futuro. O lazer está então voltado sobretudo para o repouso.

Mas, uma vez que se sustenta que a família é unidade de vida social, de sociabilidade, de formação e de vivência concreta da consciência e da crítica operárias, e já que, como vimos, é o lazer o local privilegia-

do de encontro e fortalecimento do grupo familiar, será possível afirmar-se que o lazer não é senão espaço de reconstituição de forças do indivíduo, ainda que devido às más condições de trabalho e às desigualdades sócio-econômicas, sem demolir a própria significação que se quis atribuir à família?

Se Macedo afirma que o lazer é consagrado sobretudo ao repouso ele assinala também como atividades mais freqüentes: ver televisão, fazer visitas a amigos e, sobretudo, aos parentes. A televisão é propiciadora de reuniões familiares, tendendo a atrair para casa, ao mesmo tempo, todos os membros do grupo doméstico.

A análise do lazer operário de Macedo permite, sem dúvida, que se compreenda melhor a significação que pode tomar atualmente a família operária face aos problemas e necessidades, face às aspirações próprias aos trabalhadores, reforçando a sua teoria sobre o papel desta instituição no desenvolvimento de valores e comportamentos que não se subordinam diretamente à lógica capitalista. Mas, fazendo-o, não deformará sutilmente a realidade do lazer que, aparentemente, é valorizada? Com efeito, me parece que o trabalho de Macedo é incapaz, no que se refere ao lazer, de perceber a realidade em toda a sua dinâmica contraditória. Restritas aos quadros teóricos e conceituais fornecidos pelo exame da família operária e sua consciência, suas aspirações e seus projetos, que indicam a maneira como a situação de classe é concretamente vivida, os elementos da prática do lazer, que poderiam servir para um questionamento mais rigoroso do quadro teórico e conceitual que os identificou, na realidade imergem num sistema explicativo que valoriza o lazer familiar e que não critica a validade exclusiva da falta de recursos materiais como fator de empobrecimento da prática do lazer.

Na verdade no que o toca o lazer do trabalhador urbano, parece pouco justo restringi-lo unicamente às suas dimensões familiares. Pois, se por um lado, o lazer é uma ruptura com a lógica do trabalho, ele é também determinadas ocasiões, uma atividade a conflitar com a realidade doméstica. Se o trabalhador, em seus momentos de lazer, se sabe mais do que somente o "pai de família", as mulheres trabalhadoras somente ultimamente começam a descobrir que, por enquanto, "seu lazer é o fogão", mas que assim não deveria ser. O problema das desigualdades na prática de lazer entre homens e mulheres é, dentro da perspectiva adotada por Macedo, inabordável. Os comportamentos marginais, de consumo e desperdício, face às necessidades reais e urgentes das famílias, também. E os conflitos entre uma visão de famí-

lia tradicional e a vivência urbana, as rupturas e soluções, também...

Na verdade, C. C. Macedo parece ter restringido sua análise do lazer operário às atividades de cunho mais particularmente familiar. Assim se explica a ausência de atividades como o futebol de várzea, a sinuca, tudo o que relaciona a formas de lazer que, ao exterior do grupo familiar, armam e solidificam a sociabilidade e o encontro entre amigos, vizinhos, companheiros de trabalho. Assim, ao identificar uma certa "pobreza" ou "restrição" do lazer examinado, o autor faz uma afirmação que não parece poder generalizar-se: não é "o lazer operário que está aí em questão, mas sim "o lazer familiar" dos operários.

Enfim, Macedo parece concluir que se o lazer é empobrecido, isto está ligado ao fato de que ele é constantemente sacrificado em função de projetos de poupança e de consumo futuros. Sobre esta questão, de imediato, duas observações carecem de ser feitas: a primeira é a própria idéia de que esta poupança é efetivamente realizada. Como já se disse, não há em seu trabalho referência aos gastos perdulários, como o do trabalhador que gasta no bar ou no jogo, com os amigos, uma parte substancial do salário que dentro de sua casa está sendo impacientemente esperado. Este tipo de comportamento simplesmente não pode deixar de constar numa discussão deste tipo, se é que se quer chegar a uma compreensão exata dos conflitos que surgem na prática de lazer operário, ainda que venha quebrar uma certa visão linear que se pode ter sobre a realidade, um certo romantismo que vem a prejudicar a visão real dos aspectos positivos e altamente enriquecedores do lazer, que felizmente é mais do que isto. Por outro lado, a julgar pela penetração de certos hábitos de consumo que se difundiram nos grandes centros, na vida dos trabalhadores, levando a posse corrente de aparelhos de televisão, de rádio e mesmo de toca-discos, pode-se legitimamente perguntar se não encontramos aí um argumento que vai de encontro a teoria de Macedo, de que as aspirações de lazer sempre cedem lugar a projetos de futuro. A própria autora se encarrega de nos fornecer os dados: 86% da população entrevistada possui um rádio, 77,9% um aparelho de televisão, e 27% possui um toca-discos: é claro que tudo isto significa um investimento que, para a população estudada, não é dos menores.

A segunda observação toca mais particularmente ao exame feito do lazer enquanto realidade atual e não virtual para os trabalhadores. Sem dúvida, a tendência recente de muitos trabalhos de pesquisa em procurar estudar não somente a prática concreta dos trabalhadores mas também suas aspirações que, limitadas pelas condições concretas

de vida, não desembocam numa prática observável, é exatamente interessante na medida em que não permite a identificação fácil da situação concreta de vida com os reais interesses e necessidades sentidas pela população. De uma certa forma, este tipo de procedimento liga-se ao estudo da formação da consciência operária, de maneira geral, e visa sobretudo ao estudo da passagem da "consciência real", à "consciência possível", consciência autêntica, segundo formulação de Lukács. Para este autor e seus seguidores, um papel de suma importância na formação desta consciência é exercido pelo fator do descontentamento, da desilusão dos indivíduos face, entre outras coisas, ao lazer manipulado e vazio. Mas o que é preciso que se diga é que, muitas vezes, o interesse pelas "aspirações", pelo "descontentamento" e "insatisfação" tomam de tal modo o centro das atenções dos pesquisadores que a realidade atual, com suas possibilidades e riquezas, passa despercebida, é menosprezada. Na verdade, a "insatisfação" pode conduzir a muitos caminhos, e inclusive pode surpreender às teorias elaboradas a partir de sociedades e épocas diferentes da nossa. De qualquer forma, ela não se localiza num vazio, e se acompanha de outras manifestações que já estão encravadas no presente, e não somente nas perspectivas de futuro. Num caso típico, para que se exemplifique um pouco tudo isto, Macedo mostra, por um lado, as péssimas condições de transportes e sobretudo a extrema limitação de recursos financeiros a se chocar, por outro lado, com as aspirações correntes da população estudada por "passeios". Ora, não se esgota aí a realidade: para além deste conflito muito justamente explicitado, resta a "solução" encontrada por muitos grupos de trabalhadores das periferias, que se reúnem para alugar ônibus que os levarão a excursões pelas praias e localidades vizinhas: entretanto, se tais iniciativas são do conhecimento da autora, não são todavia mencionadas. Mas, se é importante assinalar que as aspirações de lazer são frustradas pelas condições concretas de vida, como regularmente se faz ao tratar o assunto, parece-me importante também aprimorar a observação que nos permitirá entender de que forma, hoje, os interessados tentam resolver seus problemas, e perceber o tipo de "soluções" encontradas: é aí, entre outras coisas, que se localiza o espaço não só da tomada de consciência, mas também das iniciativas espontâneas, de criatividade, e sobretudo de resistência.

4. LAZER E PARTICIPAÇÃO OPERÁRIA

Um outro trabalho que, tratando da questão da consciência operária volta-se para a análise da prática de lazer dos trabalhadores é o de

Flávio Rainho, "Os Peões do Grande ABC" (3). A valorização de temas sobre as práticas da participação social relacionadas à consciência operária tornou-se bastante significativa, a partir de um determinado momento no Brasil. O trabalho de Rainho acompanha uma tendência dos homens de ciência a não mais evitar tomar partido, a participar eles mesmos na sociedade em que vivem. A preocupação em encontrar elementos culturais "especificamente", "autenticamente" populares no dia a dia dos trabalhadores, para colocá-los em evidência", para "valorizá-los" é altamente significativa, e é com certeza bastante natural que, ao ir buscando se concretizar, ela vá encontrando obstáculos e descobrindo seus próprios limites a serem ultrapassados. O que torna sua inclusão aqui ainda mais necessária, por corresponder a um objetivo, a um tipo de situação bastante generalizada nas ciências sociais.

A primeira parte desse trabalho é inteiramente consagrada aos testemunhos dos operários do ABC paulista: e o autor quer que a segunda parte, onde se encontram as análises e reflexões que ele desenvolve, sejam uma continuidade, um complemento do discurso operário. Quais são as características deste discurso? Ele é a expressão da inteligência e da filosofia que não faltam aos operários, mas que "se faz sentir dentro dos limites de uma espontaneidade" que se exprime ou está contida na própria linguagem dos trabalhadores. Elas constituem um "conjunto de noções e conceitos determinados e não de palavras gramaticalmente carentes de sentido". Elas se exprimem também através do "senso comum" e do "bom senso", na religião popular e em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, ditados, provérbios, maneiras de ver e de agir, como em todas as outras expressões e todos os acontecimentos múltiplos do cotidiano.

Retomando os conceitos de Goldmann, o autor pretende colocar em evidência as manifestações da "consciência de classe possível" dos operários, a partir dos elementos especificamente proletários que, misturados aos elementos pequeno-burgueses ou burgueses, formam a sua "consciência real". Trata-se, para o autor de chegar a desenvolver os elementos especificamente proletários, para que esta "consciência de classe" se exprima da maneira mais coerente possível com a situação de classe do proletariado.

Em outras palavras, trata-se de valorizar e de desenvolver certos aspectos da filosofia e da inteligência operárias que acredita-se possam contribuir para o aprofundamento da consciência de classe a uma "consciência possível".

Partindo da análise das condições de vida dos trabalhadores, Rainho afirma que o sistema capitalista afasta os trabalhadores das riquezas produzidas pelo seu trabalho, deixando somente o mínimo necessário à sobrevivência, mas também controla o tempo do trabalhador fora da fábrica, através de jornadas de trabalho exaustivas e longas, horas extra, tudo isto resultando no cansaço do trabalhador. Para ele, o tempo livre do trabalhador nada mais é senão o tempo de "reprodução biológica", posição que no passado, encontrou muito sucesso em teóricos marxistas ortodoxos. Através de dois tipos de argumentos, ele procura mostrar que o lazer é uma realidade "inexistente":

- 1) Considerando que o tempo livre do qual dispõem os operários é ocupado na satisfação de outras necessidades (reconstituição de forças, das "energias", e trabalhos de construção ou reparação da casa).
- 2) Considerando que o lazer é reduzido a atividades rotineiras e pouco diversificadas, quer dizer, sem significação ("ficar à toa", "matar o tempo", etc...).

Na verdade, não é difícil de se compreender por que tipos de argumentos, em si só válidos, Rainho vai defender a idéia de que o tempo livre dos trabalhadores não é um tempo dedicado ao lazer, mas simples espaço de reposição das forças necessárias ao trabalho. As longas jornadas de trabalhos, os baixos níveis salariais, as péssimas condições de habitação e de transportes às quais estão submetidos os trabalhadores são certamente graves obstáculos à prática do lazer, e à reapropriação, por parte dos trabalhadores, de um espaço de tempo vital; mas que o tempo de não-trabalho não seja exclusivamente dedicado a solução deste tipo de problemas, isto é claro. Apesar da extrema imprecisão e superficialidade dos dados referentes às práticas de lazer, apesar mesmo da fragilidade das conclusões que se pode tirar a partir deles, o que é evidente é que a prática de lazer é mais do que uma pura ausência na vida dos operários. A fonte de dificuldades na compreensão deste fenômeno vem, a meu ver, menos da observação da realidade do que da impossibilidade de se conceber, a partir da análise teórica empregada, alternativas que, não indo de encontro a esta análise, possam ao mesmo tempo exprimir a reapropriação do tempo e do gratuito por parte dos trabalhadores que tem sempre um pouco de tempo para consagrar à televisão, ao futebol, ao papo com os amigos, ao lazer, — respondendo assim ao desafio de sair um pouco da ordem antinatural que a sociedade lhes impõe.

O segundo tipo de argumentos para demonstrar a "inexistência do lazer", consiste em reduzi-lo ao "não fazer nada", ao "matar o tempo". Aqui, o problema não é mais o de negar sua prática, mas provar a sua inconsistência. É um tempo perdido, deformado pela fadiga física e psíquica, um tempo vazio. No caso, a imprecisão dos termos, a qual já me referi, serve de álibi para a sustentação de seus argumentos. Mas a imprecisão serve também para esconder as possibilidades existentes e para desprezar as atividades que passam a ser observadas de longe...

A seguir, passa-se da idéia da inexistência do lazer à crítica de sua manipulação pela indústria cultural, ainda no estilo Goldmanniano. Critica-se o conteúdo do "inexistente" ou então, passa-se inadvertidamente a aceitar a existência do lazer. Rainho se preocupa principalmente em criticar a televisão, chegando mesmo, segundo a minha opinião, a extremos nesta crítica: para além da denúncia do caráter alienante, da manipulação exercida através da televisão, Rainho atribui ainda a este instrumento de comunicação responsabilidades inesperadas e uma ação quase mágica: assim, ela é acusada de promover o "espírito de superioridade" que leva o operário a fazer passar na frente de suas necessidades imediatas a preocupação com a imagem frente aos outros; e de promover também a tendência de alguns de "utilizar seus próprios companheiros", traição, bajulações dos chefes, hábitos de "matar" o trabalho, abuso dos trabalhadores que sobem de posição em relação aos antigos colegas, etc... A televisão é ainda acusada de influenciar atitudes como o empréstimo com juros e a visão depreciativa da mulher! Entra-se assim, sorrateiramente, numa discussão moral, em que se procura investir a televisão de toda a responsabilidade da febre pela ascensão social e de poder que impedem a solidariedade dos operários entre si: se bem que a discussão, da maneira como é colocada, ultrapasse de muito a competência dos discursos científicos e sociológicos em particular, pode-se sem dúvida denunciar a ingenuidade que consistiria em supor que este tipo de comportamento é engendrado pela televisão ou mesmo pela sociedade atual e esquecer que em outros contextos econômicos, sociais, históricos, eles aparecem igualmente. A ingenuidade consistiria em alargar a discussão sociológica a dimensões que não lhe competem, fazendo da televisão uma espécie de monstro responsável por todas as maldades humanas, idealizando assim uma sociedade onde este tipo de problemas seria completamente abolido...

Para além da crítica a uma televisão que passa por um tratamento quase antropomórfico, Rainho prossegue a sua análise do lazer operá-

rio: resumindo a sua visão, conclui-se que ele não passa de um instrumento de evasão, irracional, anárquico, que vem a se opor às atividades de "resistência": estas se incluem inteiramente e curiosamente na esfera do trabalho: o autor exemplifica, citando o "jeitinho" no trabalho, o cepticismo, o desinteresse face ao trabalho, as reclamações freqüentes, a ironia, as ações violentas, ação sindical e greves ilegais...

Práticas como o futebol, são identificadas com a "bebida" e compreendidas como simples mecanismos de fuga e de alienação. As associações de bairro, que às vezes podem nascer de iniciativas bem espontâneas e significar um movimento autêntico de resistência e luta contra o problema, são acusadas pelo autor de jamais contribuir realmente para a solução dos problemas do bairro, mas se limitar a atividades recreativas que, como se pode compreender, são profundamente desprezadas por Rainho. Ainda quanto ao lazer, ele denuncia a exploração, a utilização por parte dos candidatos em época de eleições.

Na verdade, preocupado com a "filosofia" e a "inteligência" popular, o trabalho de Rainho é ainda mais uma prova do distanciamento dos intelectuais, mesmo bem intencionados, da realidade popular: para mim, o menosprezo e a fúria com que as manifestações de lazer são analisadas só podem ser comparados à ideologia que no passado conduzia a visão das classes inferiores: quando o problema do escravo africano, ou do pobre, era simplesmente a falta de vontade de trabalhar, de "vencer". Quando o habitante das zonas rurais do país era encarado como um "preguiçoso" — a este respeito, é lamentável que se tenha perdido a memória de um trabalho como "Parceiros do Rio Bonito" que até hoje nos dá lições de seriedade científica e primor de crítica. Em dado momento, discorrendo sobre a aparência de felicidade e de bom humor dos trabalhadores, em seus momentos fora do trabalho, Rainho chega quase a um pedido de desculpas formais: na verdade, não passam de atitudes alienadas que não correspondem nem à realidade nem às verdadeiras manifestações de "resistência" da classe trabalhadora. Na verdade, muitas das práticas de lazer, na medida em que se alinham mal nos parâmetros de "insatisfação" e "desilusão" que uma visão limitada pretende identificar com a atitude ideal — e portanto, necessária — de classe, são alvos das críticas mais ferrenhas. Mas o que é grave em tudo isto, é que não se compreende que não é deformando a realidade, mas simplesmente reavaliando certos quadros teóricos mal adaptados à realidade brasileira, que se poderá chegar a uma posição mais correta das coisas. Para Goldmann, a "insatisfação" era o resultado de um processo de tomada de consciência propiciado por uma elevação real do nível de vida das popula-

ções que estudava. Correspondia assim a um determinado momento do capitalismo de organização que parece difícil querer identificar hoje no Brasil. Na ausência de uma visão teórica mais adequada à realidade e séria em seus objetivos, o que acontece é que os aspectos totalmente subjetivos do intelectual tomam a frente de seu discurso pretensamente científico. Erguem-se assim visões moralistas, preconceituosas, da realidade que se pretende defender e ajudar, tudo isto em prol de um determinado ideal que deve, "vaille que vaille", se concretizar, ao menos teoricamente...

5. LAZER E TRABALHO

Como muitos trabalhos atualmente, "O Coração da Fábrica" (4), de Vera Maria Cândido Pereira, procura analisar a vida operária através do estudo do cotidiano dos trabalhadores. O interesse da Sociologia do Trabalho pelo lazer não é novo, e antes de Pereira, muitos autores que se consagram ao estudo do lazer partiram da perspectiva do trabalho. De uma certa forma, os dois campos de estudo sempre foram tributários um do outro toda vez que se pretendeu uma visão mais aprofundada seja do lazer, seja do trabalho. Assim, me pareceu extremamente útil considerar aqui o ponto de vista da Sociologia do Trabalho, através de uma obra que se mostra muito rigorosa e original.

Vera Maria Cândido Pereira se preocupa com a questão da produção e do controle ideológicos, principalmente através do trabalho industrial. A fábrica é, para ela, um dos aparelhos ideológicos da sociedade. Analisando o trabalho industrial, Pereira visa afirmar o prolongamento, a extensão do controle do trabalho a toda a vida do trabalhador, a partir de sua organização, das características e das condições do trabalho, etc. Os aparelhos ideológicos, controlados pelas classes dominantes, engendram um discurso ideológico ao qual tendem a se conformar as representações, imagens, valores, crenças e comportamentos das classes dominantes. O discurso oficial, diz a autora, é mais do que uma simples linguagem, é também um conjunto de formas de dominação ligadas e enraizadas no progresso técnico e na organização do trabalho. Mas, é claro, existem brechas, através das quais as classes dominadas podem formular as representações e valores próprios, e assim definir interesses específicos. Na verdade, a ideologia dominante é fragmentária, com contradições e lacunas, e é aí que se instalam as possibilidades de uma ideologia dominada. O discurso operário, expressando as representações dos trabalhadores, informa não somente sobre o real, mas também sobre os "modelos ex-

plicativos", sobre a ideologia e o pensamento operários.

Ao focar os "momentos livres" dos trabalhadores estudados, Pereira procura evidenciar a extensão da dominação do trabalho, tema central de sua pesquisa, para além dos limites da Fábrica. Em sua análise, ela é sensível aos elementos que fazem a especificidade do lazer, ou das "horas livres", como ela diz, em relação ao trabalho. Embora o tempo de não-trabalho seja ainda submetido ao tempo de trabalho, através do "estado de prontidão, de vigilância em relação ao trabalho, que se exprime pela necessidade de descanso para poder aguentar a segunda-feira", a autora considera que as horas livres são um tempo que o trabalhador "pode utilizar como quiser, segundo sua vontade, sem preocupação com horários, sem as obrigações rotineiras que caracterizam o tempo de trabalho". Quer dizer, ainda que operário esteja, na duração total de sua vida, imerso em sua vida de trabalho, as horas livres são momentos de desobrigação total, de ausência de engajamento e não intencionalidade de ações. O trabalho é associado para os trabalhadores estudados à falta de liberdade, e momentos de folga são o de uma recuperação, ainda que limitada e provisória, da liberdade e de um ritmo vital próprio.

Assim, ainda que preocupada em mostrar a extensão da dominação do trabalho, sua organização, seu ritmo, à vida do indivíduo, Pereira observa com atenção a especificidade deste tempo — seu caráter de gratuidade, de "desobrigação" como ela diz, e ao mesmo tempo tece considerações sobre o sentido deste momento na vida dos trabalhadores que nos permitem situá-lo, para além da dominação e de sua utilização ideológica, como um campo em que a resistência por um ritmo vital próprio, por um tempo para si pode se concretizar. Ela assinala o fato de muitos trabalhadores recusarem-se a fazer horas extras nos domingos, mesmo sendo estas pagas em dobro, como um elemento importante na consideração da importância destes momentos na vida dos operários. A resistência dá-se também na recusa de compromissos com horas marcadas, e a autora vê aí ainda a luta pela "recuperação" de uma liberdade marcada no dia a dia do trabalho, onde horários rígidos e uma disciplina severa mantêm o trabalhador numa situação de dominação permanente.

Mas, como analisa ela o *conteúdo* cultural deste tempo de lazer? Ela insiste sobre as limitações que a falta de recursos financeiros, a desorganização de horários de trabalho e o cansaço impõem à prática do lazer. Muitos autores teriam parado antes disto. Mas Pereira ultrapassava a tentação da constatação simplista de que "o lazer é empobre-

cido", ou "inexistente" para os operários. Ela não hesita em desmascarar ambigüidade de fatos com os quais trabalha, o que não acontece freqüentemente; "se a descrição feita até aqui (...) dá a impressão de que existe uma limitação muito grande nos contatos sociais, nas formas de divertimento e de aquisição de informações e trocas de experiência, que se saiba entretanto que as conversas nos bares podem ser momentos de reunião dos operários, em que a troca de informações sobre os respectivos trabalhos, sobre as "cotações profissionais", em que a organização de comportamentos coletivos se fazem".

Mas, há de se assinalar, estes comportamentos durante o tempo de lazer podem evidenciar uma certa consciência e capacidade de mobilização dos trabalhadores fora da fábrica, mas pouco acrescentam a análise das significações próprias do lazer.

Embora tudo isto esteja profundamente ligado, e daí também a importância do estudo da prática de lazer dos trabalhadores atualmente, parece-me que se o lazer for valorizado somente pelas suas implicações diretas para o comportamento profissional dos interessados, o que se está é submetendo o lazer ainda a uma visão preconceituosa, que não concebe valor no gratuito e, mais diretamente no caso do trabalho de Pereira, está-se jogando ao chão tudo o que se falou sobre a "desobrigação" e recuperação de um certo ritmo próprio. Em outras palavras, parece-me que para se questionar a idéia de que o lazer do trabalhador é pobre e alienado, a melhor atitude talvez seja a de insistir na análise do que é a especificidade deste tempo, de sua significação política, e não buscar apoio em significações ligadas ainda à lógica do trabalho. Não que estas estejam ausentes: mas reduzir o lazer a elas seria no mínimo um contra-senso na medida em que se busca no lazer a atitude de "recuperação" pelo trabalhador de um tempo, de um espaço vital. Compreende-se entretanto que, preocupada com a extensão do trabalho a toda vida do operário, Pereira tenha se contentado com este tipo de significação que, em última análise, não deixa de evidenciar que a vida do operário está imersa na sua vida de trabalho.

Na verdade, se Pereira esboçou tão bem uma análise da significação atual do lazer na vida dos operários, a maior parte do percurso ainda ficou por fazer. Na medida em que o trabalho permanece como única referência para o estudo e a compreensão do lazer, muito de sua realidade nos é escondida. Para além da dominação de trabalho, sem dúvida a mais importante, outros tipos de controle se exercem, e basta citar aqui as desigualdades no lazer de homens e mulheres. Por outro

lado, esta "liberdade provisória" me parece exercer-se não só em relação à dinâmica de trabalho, mas de um conjunto de preocupações, problemas e necessidades que vêm diariamente amarrar o indivíduo a um "mundo de necessidade" — dos compromissos e das obrigações. O preconceito contra o divertimento quer que tudo que é gratuito seja alienado, e tudo que é não intencional seja irresponsabilidade, passividade, sobretudo quando se trata do lazer dos outros.

Mas se a significação que a prática do lazer pode assumir tem sentido político de atuação, de resistência, de criação de valores, isto assim o é não em deferência aos preconceitos, mas porque o lúdico, a festa, o divertimento, são parte do homem, assim como a consciência crítica, a participação social, o gênio político.

6. LAZER E CULTURA

Quanto à relação entre lazer e cultura popular, em 1972 Eclea Bosi escreve um livro — *Cultura de Massa e Cultura Popular — Leituras Operárias* — famoso, sobre o assunto(5). A referência a tal trabalho é quase obrigatória se se tem em vista a repercussão que ele tem, até hoje, nos meios acadêmicos. Ele é, além do mais, um dos poucos livros a tratar especificamente de um hábito de lazer — a leitura, e a fazê-lo séria e profundamente. Assim, ele se tornou já um "clássico" da sociologia brasileira e apesar de ter sido publicado em 72, ainda dá mostras de atualidade. Bosi vai se apoiar em G. Friedmman, sociólogo do trabalho que se interessou pelo lazer, para afirmar que "se no trabalho e no lazer correu o mesmo sangue social, é de esperar que a alienação de um engendro a evasão e os processos compensatórios do outro". O lazer é "compensação" do trabalho, e como tal uma resposta de evasão e fuga face aos problemas. Ativismo e violência (jogos violentos, alcoolismo) e apatia (televisão, leituras) são as alternativas de comportamentos de lazer na sociologia atual. Mas o objetivo do trabalho é essencialmente o de detectar as condições de desenvolvimento de uma "cultura operária autêntica". Segundo outro sociólogo francês, citado por Bosi, A. Touraine, a passividade e a evasão nos comportamentos de diversão estão diretamente ligadas às posições dos indivíduos no trabalho. Maior é a participação e a capacidade de decisão dos indivíduos no trabalho, maior também sua participação e exigência quanto ao lazer. Assim, a prática de lazer estaria fortemente condicionada pela prática de trabalho, o que está de acordo com as demais afirmações de Bosi sobre o lazer. Entretanto, alguns trabalhos, entre os quais o de L. Kowarick, tendem a mostrar que o baixo

nível de participação não é um fenômeno isolado, típico, das classes inferiores, mas que ele toca e diz respeito a todas as classes sociais, de maneira geral.

A análise do lazer — mais precisamente do hábito de leituras das operárias — leva portanto Bosi a afirmar o caráter alienante e evasivo dos divertimentos. No fim de seu trabalho, Bosi não conseguiu detectar “traços específicos da cultura operária” escondidos atrás dos comportamentos e preferências observáveis, e que constituiriam o “universo de possibilidades”.

De modo que vai situar, muito naturalmente, as possibilidades de “desenvolvimento de uma cultura operária autêntica” menos na realidade atual do que no futuro de uma “pedagogia nova”. Esta pedagogia estaria voltada para a realização da verdadeira “cultura operária autêntica”.

Talvez a primeira coisa a assinalar seja o fato de que a análise do hábito de leituras, num país como o nosso, pode dificilmente dar conta da realidade de lazer concreta da maioria da população.

Por outro lado, o que se nota muito facilmente é que a visão crítica de Bosi ao lazer só se apóia e encontra sentido quando em referência única à realidade do trabalho. Para Bosi, não existem distinções entre atividades de engajamento religioso ou político, etc., tudo é lazer: e o lazer não é autenticamente operário, enquanto não exprimir a situação e consciência de classes, pois a verdadeira cultura operária “se realiza no militantismo ou se atrofia”, ela é “sempre engajada”.

Assim, a relação ao trabalho, a identificação de atividades tão diferentes de engajamento religioso, político, sindical, sob o título único de lazer, se explicam pela idealização desta “cultura operária autêntica” estabelecida principalmente em função da realidade do trabalho. Não é à toa que no início de seu trabalho Bosi sustenta que a alienação é fruto da descontinuidade entre, de um lado, a vida de trabalho e, de outro, “o momentos livres da vida pública”. A continuidade, compreende-se bem, está em uma cultura de militantismo — já que o verdadeiro problema da cultura autêntica operária está na luta entre uma “cultura de entretenimento” e uma “cultura de proposição”.

Na verdade, não se trata nem mesmo aqui de um “modelo ideal de lazer” que serve de pano-de-fundo para toda sua elaboração crítica do lazer, principalmente sob a forma dos meios de comunicação de massas; nem mesmo de uma prática de lazer proposta, mas sim de

uma proposta, de um modelo de participação sócio-política, de militância, ao qual o lazer deve à qualquer preço se adaptar.

A validação das esperanças na "cultura autenticamente operária" não está, como a própria autora assinala, nas suas próprias observações, mas num retorno a certas iniciativas isoladas no passado e, sobretudo, nos atos de fé que procura realizar através de seu quadro teórico. O idealismo substituiu os resultados positivos aos quais a observação não conduziu e perpetua uma visão falsa do lazer, extremamente rígida, extremamente utilitarista (o que é um contra-senso) mas sobretudo extremamente afastada da realidade concreta e atual para a qual parece querer dirigir-se.

Assim sofre hoje em dia a visão do lazer das limitações que são as próprias ciências sociais, em perceber, traduzir e analisar uma realidade que não é a sua, e que não se deixa aprisionar em quadros teóricos por demais acabados.

Na verdade, o desejo de dominação e de poder corresponde para o intelectual à tentação de tudo querer explicar, entender, tendo a si e a seus valores como centro.

Quando o homem de ciência fala do lazer operário ele debruça-se sobre uma realidade que lhe é, para começar, essencialmente exterior, estrangeira. A consideração — contínua e sistemática — desta distância que separa o intelectual de seu objeto é a mais importante condição para o respeito, para o rigor, para a honestidade do trabalho científico. Eis uma verdade amplamente difundida, e ao menos em princípio, aceita por todos. Na verdade, a descoberta desta distância levou de uma certa forma a uma posição mais humilde, de procura, de interesse da parte dos intelectuais estes últimos anos. Passou-se a uma atitude de desconfiança em relação a nossa percepção espontânea, imediata. Mas imperceptivelmente, voltando os olhos do imediato a ser questionado, passou-se francamente a orientá-los para um projeto de realidade, um modelo fascinados pela possibilidade de compreender em "profundidade", para além das aparências, o todo social, fascinados pela teoria que tudo explica, que tudo organiza, substituiu-se a visão falsa da realidade não por uma visão mais justa, mas pelo sonho que nos era mais caro.

A representação do lazer popular pelas ciências sociais atualmente não é senão uma representação deformada, incompleta, do fenômeno. O lazer é freqüentemente recuperado em função dos sonhos, das

teorias mais diversas. A "defesa" de uma classe operária autêntica, do trabalho operário, da família operária, dos rituais populares se afirma, esmagando o que há de contraditório e de autêntico no lazer. O lazer popular serve assim à construção de um modelo ideal de festa, de família, de classe operária, de participação social, de cultura, segundo o que nosso quadro teórico ideológico nos inspira.

A realidade do lazer hoje passa, é certo, e antes de tudo, pelos obstáculos e limitações impostas por uma situação de injustiça social revelada nas condições de trabalho, de habitação, de remuneração, de transportes dos trabalhadores. Mas ela é mais do que estes obstáculos e limitações: ela é também resistência heróica à invasão de toda a vida pelo trabalho extra, ela é criatividade que explode em mil pequenas iniciativas aqui e lá, e que configuram uma afirmação das possibilidades de divertimentos, de desenvolvimento humano, inesperadas. O lazer hoje passa pelos condicionamentos institucionais, pelas possibilidades e empecilhos impostos pela vida de família, pelos valores morais tradicionais, pelas atitudes marginais também. Mas ela é mais do que um acontecimento familiar, que uma realidade tradicional, institucional, ou que a explosão de comportamentos contestadores: ela é também a maneira pela qual hoje a família, a festa, as relações sociais são vividas, concretamente, com todos os conflitos, com todos os problemas sociais que isto coloca, e com todas as perspectivas que se abrem.

O lazer hoje passa pela utilização dos divertimentos e dos meios de comunicação de massas, pela manipulação ideológica de todas as instâncias sociais, visando a reduzir os indivíduos não a expectadores, como se disse tão freqüentemente, mas a cúmplices de sua própria exploração e aniquilação social. Mas ele é mais do que um jogo de alienação e evasão: ele é a reafirmação do direito à gratuidade, à festa. Ele é o espaço humano: sofrimentos, revoltas, obstáculos, mas também alegria, encontro, criatividade.

Mas quando enfim se poderá reconhecê-lo?